

## A política das catástrofes

Prof. Geraldo Wilson Fernandes<sup>1</sup>  
Newton Pimentel de Ulhôa Barbosa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Laboratório de Ecologia Evolutiva e Biodiversidade - UFMG

O filme é o mesmo ano após ano. O motivo de tanto sucesso ainda é desconhecido e talvez permaneça *ad eternum* até que a extinção nos atrepele. Há séculos presenciemos e ouvimos, atônitos, relatos da erosão de nossos maiores bens nos trágicos períodos das chuvas e da seca. Durante a estação seca, são milhares de hectares de plantações, cabeças de gado e centenas de vidas humanas perdidas pela falta de água. Para piorar, os problemas causados pela seca no nordeste do país - já bem conhecidos - agora chegaram à Amazônia! No período chuvoso assistimos pela televisão, ora pessoas arrastadas pela correnteza, ora soterradas. Estradas e pontes são tragadas pelos rios cheios, que não agüentam o volume adicional de água. O transporte sofre uma convulsão.

Teoricamente, o culpado é o mesmo desde os primórdios da existência humana: a imprevisibilidade do clima. Nos noticiários, uma ciranda entre “*El Niño e La Nina*”, não importando as coordenadas geográficas. Mas seria mesmo o clima o principal culpado de todas estas catástrofes? É muito conveniente culpar os ventos e a chuva sob as constantes mudanças globais.

Os ciclos climáticos e biológicos, acusados de causarem catástrofes, são bastante antigos e representam o produto de bilhões de anos de evolução na terra. Sabe-se também que o rompimento destes ciclos pode representar, dependendo da escala, a possível morte de grande parte da vida no planeta. Durante os últimos milênios a humanidade se beneficiou destes ciclos sem causar impactos globais. Todavia, a influência humana já pode ser observada nas áreas mais remotas do planeta. Virtualmente, nenhum lugar permanece intocado – quimicamente, fisicamente ou biologicamente – pelas mãos do homem.

Embora o reconhecimento explícito da fragilidade do planeta e da intrincada teia da vida seja um fenômeno relativamente novo, a noção que ecossistemas naturais saudáveis ajudam a suportar a sociedade tem uma história antiga. Platão entendeu que a destruição das florestas de Ática foi a causa da erosão dos solos e secagem das fontes de água, que eram de suma importância naqueles tempos, pois as cidades se desenvolviam sempre no entorno destas fontes. Mas se já sabemos disto desde épocas tão remotas, os problemas que vemos hoje são apenas consequência da ignorância?

Os rios transbordam devido ao excesso de chuvas ou pela falta de florestas para diminuir o impacto das águas sobre o solo exposto. A quantidade de chuvas varia ano após ano, porém dentro de padrões mais ou menos conhecidos. O que provavelmente aumenta ano após ano é a incapacidade do ambiente de suportar os estragos causados por alguns homens. Destruída a floresta, a capacidade de interceptação das gotas pela folhagem é drasticamente diminuída, assim como a capacidade de absorção do solo e das raízes. Isso ainda acontece mesmo se são plantadas florestas mais simples, como as dos exóticos eucaliptos ou pinheiros, que além de problemas ambientais podem desencadear diversos problemas sociais. Livre da proteção, o solo é “arrancado” brutalmente e a água que corria suavemente pelas folhagens e troncos, agora corre livremente - e mais rápido – levando tudo em direção à calha das nascentes, riachos, rios e posteriormente nos preciosos mananciais da vida marinha, os manguezais. Assim, a extensão dos danos aumenta vertiginosamente a cada ano. Sabemos que o efeito causado por nós é gigante e retro-alimenta-se ferozmente. Já não é mais

curiosidade, mas basta uma pequena análise para enxergarmos também que a parte da sociedade mais empobrecida é a mais vulnerável, pois é ela que vive nas áreas de risco, que na maior parte das vezes elas mesmas criaram.

Grande parte dos estudiosos e políticos já sabem a muito tempo da existência destes problemas naturais e da sua origem real. Embora pareça pretensiosa, a solução poderia ser simplificada apesar de envolver fortes aspectos políticos e econômicos. Politicamente, dever-se-ia pensar em mecanismos para diminuir a destruição generalizada a que temos assistido. Deveríamos inibir completamente a construção nas áreas já sabidamente sob risco. O uso e ocupação dos solos de todas as cidades deveriam ser revisto nacionalmente, pois as conseqüências são nacionais e não locais.

Sob um prisma acadêmico, os ensinamentos da educação ambiental e seus paradigmas devem ser ampliados e difundidos imediatamente. Além de obrigatório em todas as escolas e fazer parte da mídia escrita e falada, deveríamos repensar nos ensinamentos dados aos professores. Não se trata apenas de uma lista de coisas que devemos fazer ou não fazer, mas sim de como devemos nos comportar efetivamente e politicamente frente aos problemas ambientais e suas causas reais. No presente caso, as catástrofes causadas pelas chuvas são principalmente oriundas da má administração (ou nenhuma), de nossa relação com o meio ambiente. Precisamos da capacitação de profissionais de qualidade e responsáveis. Precisamos conscientizar o cidadão e o político de carreira na busca de um mundo adequado frente aos desafios do planeta em mudança e sob intensa e crescente pressão humana. Não podemos depender exclusivamente do Estado. Precisamos de uma sociedade civil organizada, que ande com suas próprias pernas. Todo povo tem o governante que merece. Será que o planeta terá, em alguns anos, a humanidade que merece?